

A IMAGINAÇÃO CRIATIVA E A MEMÓRIA COMO FORMADORES DE NARRATIVAS

HUGO LEONARDO DE OLIVEIRA¹

LIZÂNGELA TORRES²

¹Universidade Federal de Pelotas - hugo.leonardo@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas - lizangela.torres@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se debruça sobre os conceitos de imaginação, criatividade e memória, elementos fundamentais na construção da consciência e na formação das narrativas que moldam as experiências sociais e o imaginário coletivo. Este estudo busca desvendar os significados intrínsecos e a interação dinâmica entre essas faculdades mentais. A problemática central reside na distinção entre a imaginação criativa e a imaginação reprodutora, uma diferenciação essencial para compreender a capacidade humana de transcender a mera reprodução de experiências em prol da criação de realidades e significados novos e mais profundos. A fundamentação teórica encontra-se ancorada nas reflexões de eminentes pensadores como BACHELARD (1960), BERGSON (2010), PERRONE (2007), PROUST (2013) e BENJAMIN (1933), cujas obras oferecem uma rica análise sobre os processos criativos e mnemônicos. Através deste alicerce teórico, o trabalho propõe uma reflexão sobre como a imaginação criativa impulsiona a busca por compreensão, leis e causas que definem nossa existência, humanidade e interação com a realidade. Diferentemente da imaginação reprodutora, que se limita à descrição, a imaginação criativa estimula a exploração de perspectivas mais amplas e a construção de narrativas mais ricas e integradas às nossas vivências intensas e significativas. Assim, este estudo visa elucidar a relevância da imaginação criativa na significação da experiência humana, ultrapassando as barreiras intelectuais e materiais.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A atividade realizada foi o estudo da imaginação, conforme proposto por Gaston Bachelard, oferecendo uma abordagem interdisciplinar que une Literatura, Filosofia e Psicologia para explorar a origem e a essência das imagens mentais. Bachelard defende uma fenomenologia dinâmica que amplifica a compreensão do imaginário, destacando a imaginação como uma produtividade psíquica insigne, capaz de atingir o ser em sua originalidade. Ele considera a imaginação e a vontade como funções psíquicas fundamentais para a interação humana com o mundo, mas critica a tradição racionalista por priorizar uma imaginação reprodutora que limita a vontade e apenas reproduz a realidade material a partir dos resíduos percebidos dos objetos. Neste contexto, Bachelard ressalta a importância da imaginação criadora, que, ao contrário da reprodutora, é aberta, evasiva e, aliada à vontade, torna-se um poder de criação. Esta capacidade de criar permite ao ser humano formar narrativas pessoais e históricas, articulando sentidos e memórias a partir de sensações materiais e experiências vividas. A

imaginação criadora é vista como um antídoto contra a objetificação da história das mentalidades e a repetição de informações, que são características de uma sociedade contemporânea preocupada em reproduzir sua realidade sem questioná-la. A reflexão sobre a imaginação, inspirada em Bachelard, também revela como a imaginação pode ser uma fonte de conhecimento e compreensão do mundo e do ser humano, influenciando a educação e a formação de professores. A imaginação não é apenas uma ferramenta para escapar da realidade, mas também um meio para compreender e transformar o mundo, reivindicando a dimensão histórica de nossas obras e contradições. Portanto, a pesquisa realizada, busca enfatizar a imaginação criadora, propondo uma reflexão do conhecimento que valoriza a originalidade e a capacidade de criação do ser humano, desafiando as limitações impostas pela imaginação reprodutora e pela objetificação da experiência humana. É uma abordagem que busca restaurar a dignidade narrativa do indivíduo e reafirmar a autonomia da identidade humana em face de um mundo acelerado e ilusório.

A experiência consciente e a percepção subjetiva, conforme discutido, são fenômenos intrinsecamente ligados às deduções metafóricas que fazemos da realidade. Marcel Proust, em sua obra seminal "Em Busca do Tempo Perdido", explora a profundidade da memória e da experiência subjetiva, sugerindo que a realidade é multifacetada e que cada indivíduo a percebe de maneira única através de suas próprias lentes sensoriais e emocionais. Proust argumenta que nossas memórias e percepções não são meras reconstruções factuais, mas sim reinterpretções ricas e complexas que dão significado e cor à tapeçaria da vida.

Para Bergson, a duração é um fluxo contínuo e criativo da consciência, e a memória é uma parte intrínseca desse fluxo. Nossas percepções atuais são sempre coloridas e moldadas por nossas experiências passadas, armazenadas na memória. Essa interação constante entre o presente e o passado cria uma espécie de "contaminação" da percepção pela memória. A imaginação não é apenas uma reprodução passiva do passado, mas sim um ato criativo. Ao combinar elementos da percepção e da memória de maneiras novas e originais, a imaginação nos permite transcender o presente e construir futuros possíveis. Essa capacidade de criação é fundamental para nossa liberdade e para a evolução da cultura.

Com efeito, a imaginação, para Bergson, é um processo dinâmico e criativo que nos permite dar sentido ao mundo através da interação entre nossas percepções e nossas memórias. Ela é uma força motriz da nossa consciência e da nossa capacidade de criar e inovar.

Por outro lado, Gaston Bachelard, com sua abordagem fenomenológica e poética da ciência, propõe que a imaginação e a intuição são essenciais para a compreensão científica, indo além dos limites do racionalismo estrito. Ele enfatiza a importância de reconhecer os "obstáculos epistemológicos" que surgem quando nos apegamos rigidamente a conceitos estabelecidos, limitando assim nossa capacidade de descobrir novas perspectivas e significados.

A discussão levanta um ponto crucial sobre a limitação da genialidade humana quando nos restringimos a fórmulas pré-concebidas ou resultados puramente racionais. Ao nos afastarmos de nossas experiências pessoais e narrativas em favor de respostas formuladas, como aquelas oferecidas por inteligências artificiais, corremos o risco de perder a riqueza da antítese e da síntese que é inerente ao pensamento humano. Nossas ideias, como Proust, Bachelard e Bergson sugerem, são mais do que a soma de suas partes; elas são

o resultado de uma constante interação entre opostos, entre o antigo e o novo, entre o racional e o intuitivo.

O pensamento, como Perrone destaca, é formado por conflitos mentais e pela capacidade de abraçar a diversidade de experiências e pluralidade de significados. A cultura ocidental moderna, com sua ênfase na lógica e na uniformidade, muitas vezes desconsidera a complexidade e o conflito inerentes ao processo de significação. Portanto, é essencial que reconheçamos e valorizemos a genialidade que surge da interação dinâmica de experiências diversas e contraditórias, permitindo que o "esplendor do novo" informe e transforme nossa consciência e nossa compreensão do mundo. Em síntese, a imaginação, conforme discutido no texto e apoiado pelas ideias de Bachelard, transcende a mera reprodução visual para se tornar um processo dinâmico de criação e significação. A seleção imagética não é um ato arbitrário, mas uma escolha intuitiva e consciente que busca significados mais profundos além da imanência dos objetos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imaginação criadora, portanto, é uma força que molda e transforma a realidade, utilizando a racionalidade, memória e intuição para explorar possibilidades infinitas e construir novos sentidos. Ela é uma ferramenta para a transcendência, permitindo ao indivíduo ultrapassar os limites do conhecimento fixo e tradicional, e engajar-se em um devaneio que expande a compreensão do mundo. Assim, a imaginação é essencial para a evolução do ser e para a transformação contínua da realidade em que vivemos. A imaginação criadora, conforme discutido por Bachelard, é uma força transformadora que transcende a mera reprodução de memórias, como as exploradas por Proust em sua busca pelo tempo perdido. Ela nos permite moldar e dar significado ao mundo além das limitações do tempo e da matéria, reinventando a existência e expandindo o campo da experiência humana. Assim, a imaginação não é apenas um refúgio para a beleza das lembranças, mas um portal para a criação de novas realidades, onde cada indivíduo é tanto artista quanto obra, continuamente recriado pela capacidade de sonhar e realizar. Concluimos que a imaginação e a criatividade são essenciais para a aprendizagem, atuando como catalisadores para a compreensão e a inovação. Conforme Lev Vygotsky destaca, essas habilidades não apenas enriquecem a experiência educacional, mas também são a base da criação cultural humana. Ao estimular a imaginação e a criatividade, promovemos uma educação que transcende o conhecimento factual, incentivando a observação crítica e a busca por novas perspectivas, essenciais para o avanço cultural e intelectual da sociedade.

Walter Benjamin, em "Experiência e Pobreza", reflete sobre a natureza da experiência humana em contraste com o desenvolvimento tecnológico. Ele argumenta que a verdadeira experiência não se encontra nos resultados, mas no processo criativo e no trabalho. Benjamin alerta para uma nova forma de pobreza que surge com o avanço técnico: uma pobreza de experiências. A dependência da tecnologia, segundo ele, pode levar à perda da capacidade de criar e aprender de forma autêntica, resultando em uma desconexão cultural e pessoal. Ele nos convida a reconsiderar nossa relação com a tecnologia e a valorizar as experiências que formam nossa narrativa individual e coletiva. A reflexão sobre a "cultura de vidro" sugere uma crítica à maneira como as tecnologias podem moldar a experiência humana, promovendo uma existência superficial onde o

conhecimento e a criatividade são subjugados pela busca de certezas e conforto. A tecnologia, embora ofereça vastas possibilidades, também pode limitar a profundidade com que interagimos com o mundo e uns com os outros, reduzindo a riqueza da experiência humana a algo que pode ser facilmente descrito, mas não plenamente vivido. É um lembrete poderoso para buscar um equilíbrio entre o uso da tecnologia e a preservação da capacidade humana de criar, errar e explorar o desconhecido.

As inteligências artificiais como ferramentas de possibilidade criativa, levantam questões históricas e ideológicas que remontam a reflexão da instrumentalização do ser e o seu empobrecimento, inclusive diante da criação. Seus resultados buscam sempre um melhor resultado, reduzindo o ser à uma única função de órgão reprodutor, impedindo que realizemos por nós mesmos as várias conexões de informações necessárias que adquirimos através de nossas próprias palavras, letras, símbolos e analogias. Com a inteligência artificial, ficamos dependentes das interpretações possíveis através da sua reprodução de dados e algoritmos, ou seja, da sua capacidade de falso profundo, onde o treinamento e inserção de dados na máquina, limitam o nosso horizonte de imaginação. Sendo a memória um fenômeno coletivo assim como a imaginação, a incapacidade de imaginar também repercute em uma incapacidade de memorar.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. (1960). A poética do espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BERGSON, H. Matéria e Memória. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza (1933). Obras escolhidas, ensaios sobre literatura e história da cultura, v. 1, p. 123-129, 1982.

PERRONE, M. (2007). O pensamento criativo. São Paulo: Ática.

PROUST, M. (1913). Em busca do tempo perdido. São Paulo: Companhia das Letras.